Alguns pressupostos para uma didáctica de Os Lusíadas no ensino secundário

Autor(es): Pais, Amélia Pinto

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/31268>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0569-2_47

Accessed : 26-Apr-2023 13:24:31

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

A CTAS DA VI REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

Seabra Pereira

Manuel Ferro

Coordenação

Amélia Pinto Pais

Professora do Ensino Secundário

ALGUNS PRESSUPOSTOS PARA UMA DIDÁCTICA DE *OS LUSÍADAS* NO ENSINO SECUNDÁRIO

É com satisfação que saúdo o facto de, no âmbito desta VI Reunião Internacional de Camonistas, ter sido decidido, pela Comissão Organizadora, a organização desta mesa redonda sobre Didáctica dos textos camonianos no Ensino Secundário.

Dito isto, devo desde já afirmar que tudo o que eu tenho feito, no domínio que nos interessa, se deve a uma paixão pela obra de Camões, que me vem desde o meu 1º contacto – feliz – com *Os Lusíadas*, guiada pelo meu antigo professor do Liceu, o Dr. Luís Simões Gomes – paixão essa que, posteriormente se viu reforçada pelo contacto com quantos sobre a sua obra escreveram – muitos dos quais pudemos ver e ouvir nesta Reunião¹; esta paixão de que falo foi por último reforçada ainda pela prática de 30 anos como professora do ensino secundário. Ensinar *Os Lusíadas* e Camões tem sido uma contínua prática de fazer amada a obra de todos nós, *lusíadas*, sucessivamente lida, relida e susceptível de novas leituras.

“E, pera dizer tudo, temo e creio
que qualquer longo tempo curto seja;
Mas, pois o mandas, tudo se te deve,
Irei contra o que devo, e serei breve.” *Lus.*, III, 4

Estas são palavras de Vasco da Gama na sua Introdução de resposta ao rei de Melinde.

Tratar da didáctica d’*Os Lusíadas* levar-nos-ia longo tempo, não compatível com os limites estreitos desta mesa-redonda. Por isso, tal como o Gama, «*irei contra o que devo e serei breve*»... um pouco mais do que Gama que, como sabemos, proferiu o seu breve discurso em 3 cantos, num total de 233 estrofes e meia, ou seja, 1868 versos...

Devo, pois, ficar-me por pouco mais do que designei de “alguns pressupostos para uma didáctica d’*Os Lusíadas*” – porventura verdades sabidas e evidentes, mas que convém recordar, pois sobre elas se entenderão as escolhas que o acto de ensinar forçosamente implica.

¹ Não havia, durante os meus estudos universitários, concluídos há 30 anos nesta Universidade de Coimbra, qualquer cadeira de Estudos Camonianos, nem o estudo de Camões integrava as cadeiras trienais de Literatura Portuguesa.

É minha convicção que, para ensinar bem uma obra desta ou mesmo de outra natureza, é necessário **conhecê-la, entendê-la** convenientemente e **amá-la**, o que constitui, a meu ver, os pressupostos mínimos necessários à sua didáctica.

Assim:

1. Conhecer bem *Os Lusíadas* é:

- **Saber contextualizar a obra e o autor na sua época** (ou seja, conhecer o seu contexto histórico-cultural, os códigos literários e ideológicos em vigor e os seus destinatários imediatos);

- **entender o texto do Poema e identificar as suas grandes linhas de força, a sua arquitectura e estrutura, a sua ligação ao tempo histórico** (no caso vertente, o carácter interventor do autor, presente na chamada linha da Moral e na concepção providencialista da História - difundir a Fé);

- **entender bem a importância da voz / vozes que nos ‘fala(m)’ no Poema**: a do autor / narrador e as de personagens / vozes como Baco, Velho do Restelo e Adamastor – um autor que procura agir, intervindo no seu tempo – de tristeza – em busca de um outro tempo – de glória e ‘novo canto’;

- **entender a importância do amor** ‘sublime’ e do **erotismo** na mundividência do autor e do seu Poema;

- **conhecer as leituras do poema ao longo dos tempos e na actualidade** – o porquê, o quando e o como Camões vem sendo lido (estética da recepção);

- **entender o Poema, finalmente, como ‘canto iniciático’² e como obra ‘exemplar’**: um poema ‘pedagógico’ em que um Eu (do autor) se faz sujeito que propõe, celebra, ‘mostra’ a um Tu (o Rei) como, recolhendo a ‘lição’ da história do passado – entendida como heróica – é possível sair da «vil tristeza» presente e retomar o fogo épico, recuperando a grandeza e atingindo a glória de ser recebido como herói «esclarecido» na Ilha que Vénus lhes destina;

2. Para tal, afigura-se-me indispensável que desta VI Reunião Internacional de Camonistas saia uma recomendação às Universidades Portuguesas no sentido de que em todos os *curricula* das Faculdades de Letras ou de Humanidades, que ainda a não incluem, figure uma cadeira de Estudos Camonianos, de frequência obrigatória para os estudantes dos cursos de Línguas e Literaturas Clássicas e Línguas e Literaturas Modernas – variantes incluindo o Português.

3. É óbvio que entendo dever ser prestada atenção a que o ensino d’*Os Lusíadas* continue a ser obrigatório nos *curricula* do Ensino Básico (3ºCiclo) e Secundário. Julgo dever esse ensino ser feito gradualmente e por etapas:

- **Iniciação / acesso através da leitura ‘amigável’** de versões em prosa, a partir, pelo menos, do 8ºano (já recomendada nos actuais programas de Português de 8ºano);

- **leitura ‘abrangente’**, isto é, capaz de fornecer as linhas mestras da compreensão do poema e dos seus principais episódios, tendo em conta o nível etário e cultural dos alunos, no 9ºano (que deste ‘estudo’ não resulte a ideia errada de que *Os Lusíadas* são um somatório de episódios ou aspectos diversos sem unidade interna);

- **leitura mais cuidada e aprofundada** da arquitectura / estrutura / linhas de força ou vectores ideológicos, bem como apreciação da linguagem e estilo, num dos anos

² Cf. Helder Macedo, *Camões e a viagem iniciática*, Lisboa, Moraes, 1980.

do Ensino Secundário, como se prevê no Reajustamento de Programas a entrar em vigor em 1997 - 98, recentemente homologado.

4. Destes pressupostos resulta que, para mim, ensinar *Os Lusíadas* é:

- Ensiná-los como obra **narrativa de carácter épico** destinada a ‘cantar’, celebrar um povo e uma civilização – a europeia; [Proposição-linha da Viagem de Lisboa à Ilha dos Amores-linha da oposição];

- como **obra ligada a uma concepção do universo e do Homem** própria do Renascimento, sem esquecer, contudo, a ligação a alguns conceitos medievais; [o Homem, sujeito da história, suplantando a ‘fraqueza’ e ‘divinizando-se’; um ideal de ‘virtú’ renascentista e portuguesa – linha da moral / Ética – a linha do saber e da Ciência, mas, por outro lado, também a linha da Fé; uma obra que se quer ‘exemplar’ por parte de um ‘cantor, narrador interventor’; de onde a importância da Dedicatória-apelo e do Apelo final];

- como **obra de reflexão sobre a História e o seu sentido** e sobre o papel do Homem no ‘fazer da História’; [oscilando, portanto, entre os pólos da linha da Fé – visão providencialista da História portuguesa – e a linha da celebração épica, da Proposição ao Adamastor e à Ilha de Vénus];

- como **obra de amor**, entendido como força ‘que move o céu e as estrelas’ e eterniza o Homem, divinizando-o em Ilhas de Sonho e proporcionando-lhe o Saber e o Conhecimento.

Como meta final a atingir no Ensino Secundário, que os alunos possam concluir:

- Que *Os Lusíadas* são um poema importante (pela arquitectura, estrutura e linhas de mensagem);

- que são também um poema muito bonito numa língua que Camões soube tornar muito bonita,

- que neste Poema é particularmente importante a consideração de **três tempos**:

O TEMPO PASSADO (tempo épico)

Plano da acção secundária: HISTÓRIA DE PORTUGAL

- Sentido geral desta História passada: dilatar a Fé (III, 20+VII, 2-14+X, 91-142).

- Uma História de heróis militares (Afonso Henriques, Afonso IV, D. João I, Nun’Álvares) que, ajudando e vencendo Marte, venceram os ‘inimigos’ – castelhanos, Mouros e, mais tarde (profecias, sobretudo, do canto X) os ‘infieis’ - hindus e muçulmanos.

- ... de heróis que amaram bem, não submetendo o espírito ao corpo («*baxo amor que os fortes enfraquece*»), nem sobrepondo os interesses materiais, egoístas, ao bem da Pátria, do Rei.

Assim, **nesse passado que se exalta**, os *Portugueses honraram Marte e Vénus*, merecendo, portanto, ser celebrados pelo canto (forma de se libertarem da «*lei da Morte*») e ‘divinizados’ por Vénus na sua Ilha (c. IX, X).

Neste contexto geral adquirem particular importância as **referências a ‘milagres’** (Ourique, aclamação de D. João I por uma menina, «*ante tempo falando*» – 4º, 3) e a **narração de batalhas** (Ourique, Salado, Aljubarrota e, no plano das profecias, guerras na Índia em tempo de vice-reis - dilatando a Fé e retomando a missão interrompida de S. Tomé) e os **episódios amorosos** (amores ‘altos’, dignos – Ferosíssima Maria, Inês de Castro ou amores ‘baxos’ – D. Fernando). [em matéria de amor tudo Camões compreende, mesmo as fraquezas – «*Mas quem pode livrar-se porventura / Dos laços que*

amor arma brandamente» – III, 142 – na verdade **só não perdoa a quem é insensível ao amor** – Afonso de Albuquerque, por ex., X, 45 e ss].

Plano da acção central: A VIAGEM DE V. DA GAMA

O tempo passado é também o **tempo épico** por excelência da **VIAGEM das viagens, a viagem iniciadora ou iniciática de Vasco da Gama**. Na narração desta viagem vem provar-se que é possível «*passar inda além da Taprobana*», indo para além «*do que prometia a força humana*», a qual, como se acentua no final do C. I, é a de um ser infinitamente pequeno, «*bicho da terra tão pequeno*», contra quem se «*indigna e arma o Céu sereno*» – enfrentando e ultrapassando todas as más vontades de Velho(s) do Restelo, descrentes das possibilidades do Homem; de Baco, voz dos povos do Oriente; de Adamastor(es); de africanos, de hindus e ‘gentios’; e ultrapassando também tempestades, traições, a saudade, o desânimo, a aparente indiferença da Providência, a doença – todos os males e entraves que Neptuno (que não quer ser submetido) põe no seu caminho [linha da **OPOSIÇÃO**].

Assim, **nesse ano e nesse mar de todos os perigos**, se atinge o objectivo primeiro – a Índia – e se «*fica vendo, como de alto assento, o baxo trato humano embarçado*» (VI, 99); porque penetrou os «*vedados términos*», Vasco da Gama se agiganta e tem direito a um **prémio** – todo ficcionado, porque, na realidade, a pátria não sabe recompensar os seus filhos³ – essa, a realidade, é ‘desconcertada’, ‘sem razão’ como bem sabíamos da Lírica camonianiana – **o prémio que Vénus reserva aos que amam bem** – a satisfação erótica e o conhecimento (*a gnose*) própria dos deuses – o Saber, prémio máximo da vitória sobre os deuses e o Céu sereno.

O TEMPO PRESENTE (tempo de desencanto, tempo anti-épico, de «vil tristeza»)

Mas se *Os Lusíadas* são a celebração do esforço humano, da vitória sobre os deuses e os elementos, **a verdade é que todos esses heróis são já, no tempo da escrita do poema, heróis passados**, capazes de servir de exemplo de heroicidade e ‘virtu’ aos contemporâneos.

Daí a **importância da LINHA DA MORAL** – Camões, poeta interventor contra a “pequenez” dos seus contemporâneos [já denunciada amplamente por Gil Vicente e outros] **que amam “mal”**

- desprezam e perseguem os artistas
- se entregam ao luxo, aos vícios
- são adúladores, corruptos, tiranos
- exploram o povo

O TEMPO FUTURO (tempo de expectativa épica)

[Ver principalmente a “Dedicatória” e a “Conclusão”: apelo a D. Sebastião]

Os Lusíadas são, assim, também:

Um alerta para a austera, apagada e vil tristeza em que o país está mergulhado [cf. poema “NEVOEIRO” de Mensagem – F. Pessoa].

Que fazer? – A conclusão – apelo:

Partir para um novo feito glorioso que poderá vir dar origem a um *novo Canto*.

³ Na realidade, os nautas não recebem, no plano do real, qualquer recompensa; pelo contrário, são eles que «*a sua pátria e rei temido e amado / O prémio e glória dão por que mandou, / E com títulos novos se ilustrou*» (X, 144).

Por isso, agora que o Rei pôde ver que, afinal, o Poeta não é assim tão «*humilde, baxo e rudo*», visto ter demonstrado que era senhor de «*honesto estudo, com longa experiência misturado*» e também possuir *engenho*, ele se permita dar conselhos ao Rei e fazer-lhe um apelo final no sentido de reinar correctamente (ele é senhor «*só de vassallos excelentes*») e de “cumprir o seu destino” e partir em busca, como diria Pessoa, em 1912, de uma Índia nova.

Antes de terminar, permitam-me ainda duas ou três ‘coisas’ que me parece oportuno lembrar:

1. Alguns “erros” a evitar:

– As leituras parcelares, fragmentadas – por ex.: só os episódios amorosos, só os bélicos, só os míticos – desligados da necessária visão de conjunto [o risco maior em que os Programas ‘novos’ podem fazer incorrer];

– Fazer da leitura d’ *Os Lusíadas*, do texto, um pretexto para mais ou menos enfadonhos exercícios gramaticais, ou caça à figura de estilo ou de detecção de elementos da diegese... e outras torturas quejandas, capazes de fazer perder o gosto pela leitura [não fará mal inquietar-se um pouco com o livro de Daniel Pénnac, *Como um romance*, ed. ASA] – lembremo-nos dos versos de Augusto Gil: «*Mas às crianças, Senhor, / porque lhes dais tanta dor / porque padecem assim?*»

2. Algumas precauções a tomar:

– Certificar-se de que os alunos sabem o que é uma obra narrativa e também de alguns conceitos básicos de análise da narrativa;

– Certificar-se que conhecem a época histórica dos Descobrimentos e um pouco do que foi o Renascimento europeu;

– Certificar-se de que já conhecem a noção de épico [o programa do 8º ano aconselha a mandar-se ler uma versão em prosa d’ *Os Lusíadas*; eu acrescentaria a *Odisseia* ou a *Eneida*, em alternativa ou em complemento]; por outro lado, os alunos estão familiarizados com filmes ‘épicos’, tipo Excalibur, Superman, etc;

– Certificar-se de que os alunos sabem manusear o livro, as notas, os esquemas existentes, etc... (o tal namorar o livro de que costumo falar...).

3. Alguns recursos e actividades possíveis e desejáveis:

– Leituras - silenciosa, expressiva, dramatizada;

– Resumos, sínteses, leitura de esquemas;

– Debates/composições;

– Confrontos intertextuais;

– Ilustrações de episódios, B.D., trabalhos de pesquisa - ex: como eram as viagens no séc. XVI - a preparação, os mantimentos, as cerimónias de despedida, quem ia a bordo, os intérpretes, as prendas para oferecer; o mundo dos deuses gregos; a moda no séc. XVI, etc.;

– Pôr *Os Lusíadas* em música,

Os professores são – têm de o ser forçosamente – seres extraordinariamente criativos e, por isso, vou terminar citando Santo Agostinho, que dizia: *Ama, e faz o que quiseres!*

- neste caso: Amem *Os Lusíadas* e Camões e, depois, façam o que quiserem!